



ABRINDO OS PORÕES DA LOUCURA –PERSPECTIVAS DIALÓGICAS PARA O ENSINO DA HISTÓRIA – IDENTIDADE E CULTURA.

MARTIN, Fábio Rodrigue¹

RESUMO

O presente artigo evidencia uma negligência histórica nos currículos escolares abordando o grande Holocausto ocorrido na Cidade de Barbacena no estado de Minas Gerais, no Hospital colônia, e todo o contexto envolvido por trás desta grande varredura social. Justifica-se este estudo como premissa de tornar o ensino da história crítico e questionador, bem como, desenvolver metodologias de ensino aprendizagem no que tange o ocultamento de grandes marcos nefastos na história brasileira envolvendo as classes marginalizadas em cada contexto. Evidencia-se os Círculos de Cultura Freireanos como âncora nos processos metodológicos, assim como fomentar o uso de avaliação formativa, metodologias ativas, mídia e educação como fonte provedoras de um ensino da história dialógico.

PALAVRAS – CHAVE: Holocausto Brasileiro, Ensino dialógico na história. Mídia. Educação.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo, se faz emergente em investigar e questionar o ensino de História nas escolas públicas, enfatizando um campo novo que é a Pedagogia dos Traumas coletivos SILVA (2016), possibilitando assim, a partir da investigação do material como um todo, e não somente os recortes já pesquisados, criar discussões e debates, círculos de cultura e principalmente, desenvolver propostas pedagógicas e metodológicas de ensino e aprendizagem a serem inseridas nos currículos escolares em todas as suas esferas e fazendo do ensino de história uma práxis emancipatória e sedimentada, justificando assim, sua relevância social.

Destaca-se, aqui, a história e identidade, como também a história e a cultura do

¹ Professor - Graduado em Licenciatura em Educação Física
IF- Sudeste - Barbacena- 2017/2021. Graduando em História - Unicesumar - 8/8.
Graduando em Pedagogia em UEMG – 2/8
Pós Graduado em Pedagogia Social - FaSouza - 2021

Holocausto no Hospital Colônia, que é conhecido como o maior hospício do Brasil, na cidade mineira de Barbacena, objetivando a exploração de todo o contexto desta tragédia, e não somente os recortes que pouco ou quase nada são divulgados nas escolas. Justificando assim, a relevância deste estudo para a sociedade escolar, uma vez que, todo material concebido até nos dias de hoje, são formatados para leitura acadêmica, tornando assim, dificultoso seu acesso para quem não está inserido no meio acadêmico, como também, obter conhecimento crítico de toda uma história, que fora apresentada apenas em recortes. O que corrobora com a visão de CRUZ (2014):

O ensino da História apresenta contornos abarrotados de fatores ideológicos na construção de seu currículo. Selecionar o conteúdo curricular da disciplina é ponto crucial na formação de uma sociedade mais cidadã e consciente dos feitos dos grupos excluídos nos bancos escolares e nos livros; ou a quem se destina, ou o que deve ou não deve ser ensinado, a qual contexto sociopolítico e econômico essa disciplina se materializa, principalmente, o lugar da disciplina na formação de uma nação, são elementos primordiais para que possamos entender o papel da História. CRUZ (2014, p. 43)

Promover conhecimento e discussões sobre o tema estudado, objetivando a emancipação cultural dos(as) discentes, bem como se fazer entender o quanto uma sociedade pode ser conivente com barbáries diante de sua omissão, através do silêncio e sua alienação como um ser cívico.

A literatura nos aponta toda uma linha histórica eurocêntrica, e aqui, não abordaremos essa trajetória, mas sim, discutiremos novas propostas de ensino, autores, em uma perspectiva de resistência para um ensino de História pensante, questionador, reflexivo para que todo sujeito cívico tenha uma voz ativa em sua percepção de identidade cultural oriundo de seus entendimentos históricos. Afirmando assim, na visão de CRUZ (2014):

Repensar essa prática eurocêntrica, se faz necessário na nova ordem de construção das identidades históricas. Portanto, quebrar os paradigmas de uma formulação filosófica de ver o mundo por uma perspectiva unitária, a europeia, mas reconhecer

outras perspectivas de visões de mundo. CRUZ (2014. p.31).

Corroborando ainda com perspectivas de visão de mundo MATOS (2017), nos aponta que o ensino de História, sendo ele de caráter científico e que sua práxis é de transformação dialógica e que esta, deva desprender-se de livros didáticos, e fomentar reflexões de mundo, absorver para muda-lo. Para, SCHIMIDT (2010, p.57). Ensinar História passa a ser, então, dar condições para que o aluno possa participar do processo do fazer, do construir a História. O aluno deve uno deve entender que o conhecimento histórico não é adquirido como um dom – comumente ouvimos os alunos afirmarem: ‘eu não dou para aprender História’-, nem mesmo com uma mercadoria que se compra bem ou mal.

2. DESENVOLVIMENTO DO TEMA

A primazia do governo atual evidencia a sua relação de poder descaradamente através de seu discurso de ódio como política, e dentro desta perspectiva, o ódio é o agente propulsor e classificatório de identidades sociais como sub-raças. Do nazismo de Hitler ao fascismo de Mussolini, do holocausto brasileiro à ditadura militar, foram correntes que utilizaram o ódio como ferramentas para depopular uma raça indesejada. Essa trajetória de extirpação está de volta com essa ascensão da extrema direita fascista no poder, disseminando ódio como política garantindo a varredura eugênica. Sendo o ódio o protagonista da limpeza social, evidenciamos a afirmação de TIBURI (2015):

Aniquilação de certa ideia de sociedade, do senso do social, é sustentada no tipo de subjetividade fascista. A aniquilação da política é a aniquilação do social que precisa ser introjetada pela pessoa concreta, ela mesma cancelada como ser social. Seria necessário desenredar as amarras que sustentam o ódio delirante no qual ele foi envolvido como indivíduo quando acreditou que neste afeto residiria a verdade de sua experiência TIBURI(2015, p. 32).

Toda aniquilação social, consite em tornar invisível todos aqueles que não embelezam uma sociedade por inteiro, modificando assim, os cenários urbanos, delinendo uma identidade branca e eurocentrada. Posto isto, voltemos no tempo

para investigarmos a estrutura da cultura promovida pelo o que foi imposto (tradição) pelas abordagens historiográficas e fomentardiscussões e questionamentos entre uma história cultural e uma história social da cultura. Segundo SEVERINO (1997), falar de tradição, é abranger uma estrutura coletiva, sistematizada e de continuidade histórica. Critérios se identificando com as temáticas e nutrindo suas respectivas metodologias.

3. HIPOTETES DA PESQUISA COMO AGENTE TRANSFORMADOR E DISSEMINADOR DE CULTURA E IDENTIDADE

É sabido o quão cruel e desumano foi o Holocausto do Hospital Colônia², porém, tal capítulo da nossa história, fora bastante negligenciado em sua retórica, a mídia da época, alarmou a narrativa de uma história preconizando o clima favorável da Cidade de Barbacena no tratamento de doenças e/ou distúrbios mentais. O hospital fora criado para ser um hospital de luxo para a elite em 1903, porém, na ditadura Vargas, se tornou um referencial para os movimentos eugenista.

Diante dos materiais até o momento analisados, o Documentário: Holocausto Brasileiro, evidenciou várias hipóteses tangíveis a serem investigadas para que a pesquisa possa sedimentar-se em materiais didáticos a serem trabalhados com os (as) discentes. Entretanto, o ponto de partida da investigação dar-se pelo silêncio dessa tragédia brasileira desconhecida. Posto isto, pretende-se explorar as sucessivas medidas que contribuíram para a extirpação de mais de 60 mil vidas, dentre elas, evidenciaremos as mais relevantes que muito contribuirão para o entendimento deste Holocausto

(I) Entendendo o contexto da época: a conduta adotada no hospital Colônia se baseava na medicina francesa até a década de 30, que conduta era essa, em que permitia o hospital contratar funcionários (as) sem formação mínima? Quem realmente era a mão de obra do hospital? A conduta da medicação era dada mediante o comportamento dos (as) internos (as), se estivessem gritando era o

² **HOLOCAUSTO BRASILEIRO** Distribuidor/

remédio rosa, se estiverem cantando, era o azul, e horas, eram ambos; a medicação era reconhecida pela cor do comprimido; a partir da criação do estado Novo (Era Vargas – 1937 a 1945), o que modificou no regime do hospital?

(II) A crise sanitária dentro do hospital: devido ao excesso de contingência, muitas das mortes eram causadas pela fome, utilizava-se a mesma seringa na aplicação de remédios para todos os pacientes; o uso de eletrochoque em massa para acalmar os (as) pacientes.³

(III) Os (as) indesejáveis: Uma herança vergonhosa, a forma indigna em que o Estado os tratou. Quem eram? Explicação de eugenia: Os “Meninos de Oliveira”. ARBEX (2013).

(IV) O porquê do silêncio? Uma das perguntas mais questionadas no documentário, era o porquê que esta tragédia fora silenciada por tantas décadas? Alguns pontos são levantados no documentário, tais como: o uso da mão de obra de pacientes (que eram chamados de “Bons Homens” para atender as necessidades do município a mando do prefeito, como capinar e calçar ruas sem remuneração, como também o abuso da mão de obra, por parte dos Diretores, que levavam os Bons Homens a servirem em suas obras pessoais; a partir da década de 30, a igreja Católica adentra a administração do hospital, e vários relatos³ surgem sobre corrupção no almoxarifado como também a exploração das pacientes na confecção de trabalhos manuais por parte das irmãs de caridade; a venda de partes anatômicas de corpos para algumas faculdades de medicina; A loucura era rentável para os dirigentes do hospital; a cultura do não curar, e sim, adestrar os comportamentos até

³ Produtora: HBO Gênero:

Documentário Classificação Etária:

16 anos

Data de Lançamento: 20 de Novembro de 2016 Tempo de Duração: 1h 30min

Direção: Daniela Arbex, Armando Mendz Roteiro: Daniela Arbex

Produtores: Roberto Rios, Maria Ângela de Jesus, Paula Belchior, Patrícia Carvalho, Alessandro Arbex e Daniela Arbex

Montadora: Fábio Cabral

Relato de Walkiria Monteiro, ex enfermeira do Hospital Colônia no Documentário: Holocausto Brasileiro.

o sepulcro desses corpos, (estes, que tinham covas diferentes dos demais: os negros e os loucos); a reforma psiquiátrica - 1970 – Visita de Franco Basaglia. Essas, são as mais evidentes hipóteses elucidadas no documentário, e a própria roteirista e diretora questiona o tempo todo, de como uma tragédia dessas pode ser silenciada por tantos anos, assim, ela questiona uma das internas com a pergunta: afinal, de quem é a culpa? E no auge de sua lucidez, ela responde: “A culpa é de todos nós.” Aqui, evidenciamos mais uma vez que, uma sociedade que não conhece a sua história, passa a ser conivente com ela. Assim, entendemos o porquê desta poeira toda ter ficado tanto tempo debaixo do tapete. Dívida histórica, tradição de uma cultura que negou

dignidade a toda uma identidade. Silêncio óbvio. Assim poetiza Chico BUARQUE⁴(1978):

Pai, afasta de mim esse cálice, pai
Afasta de mim esse cálice, pai
Afasta de mim esse cálice, pai
De vinho tinto de sangue
Como beber dessa bebida amarga
Tragar a dor,
engolir a labuta
Mesmo calada a boca, resta o peito
Silênciona cidade não se escuta*

A partir das hipóteses levantadas, bem como a investigação das mesmas, propõe-se juntamente com os (as) alunos (as), a criação de uma proposta pedagógica de ensino, pois, este estudo, é ancorado com este propósito, desenvolvimento da pesquisa, sistematização metodológica, resultando materiais didáticos sobre o tema percorrido, e que estes sejam uma práxis nos currículos do ensino de história.

E como um ciclo vicioso que vinha do alto escalão da branquitude política e religiosa, algumas sujeiras foram varridas para debaixo do tapete, criando uma cortina de fumaça que visava velar essa ditadura sanitária social, que era mais conhecida como o movimento higienista: práticas de higiene e educação sanitária, entretanto, esse movimento tinha em seu cunho, moldar toda uma sociedade mentalmente sadia. No entanto, essa sociedade processada devia atender alguns requisitos: cor branca, xenofóbica, racista, chauvinista e principalmente, antiliberal. COSTA (1989), enaltecendo assim, o Hospital Colônia⁵ na cidade de Barbacena - Minas Gerais,

⁴ CALE-SE [compositor e intérprete]: Chico Buarque. São Paulo. Polygram/Philips. 1978

⁵ Desde o início do século XX, a falta de critérios para internação e os maus-tratos com os internos

palco onde foram dizimados mais de 60 mil atores sociais, taxados como “loucos”, como também políticos locais, do Estado e da Era Vargas (1930-1945), estes, obviamente tinham interesses econômicos nessa varredura social, pois a loucura capitalista era rentável para os bolsos pessoais, como também contribuía para a eugenia brasileira.

“Eugenia pode ser definida como a ciência que trata daquelas agências sociais que influenciam, mental ou fisicamente, as qualidades raciais das futuras gerações” GALTON (1906, p. 3). A censura foi bastante acentuada na época, o que levou a omissão destes fatos nas escolas brasileiras e, principalmente, nas escolas do Município de Barbacena, negligenciando assim o ensino de História. Posto isto, evidenciamos iniciar uma investigação de todo o contexto da “loucura” na década de 30 no Brasil. Bem como a religião católica, ancorada à política, quem eram esses antagonistas rotulados pela elite da sociedade, o hospital e sua conduta médica, como também as políticas de saúde que regia o hospital, seus regentes e regidos. “A teoria eugenista, que sustentava a ideia de limpeza social, fortalecia o hospital e justificava seus abusos. Livrar da sociedade a escória, desfazendo-se dela, de preferência em local que a vista não pudesse alcançar.” ARBEX (2013, p.26)

Embora este capítulo nos cause repulsa sobre essas barbáries, devemos nos ater que são recortes isolados dentro de um contexto marcado pela tradição historiográfica e que os fatos mencionados até aqui, seriam as consequências de uma história social oriunda de uma cultura enraizada que perpassa sobre vários contextos historiográficos e que nos leva a questionar essa história da História para compreendermos o todo e não somente o “holocausto” em si.

Portanto, a reflexão aqui, é estabelecer eixos de conexão entre a ação e as consequências deste marco, a mão de obra que sustentava o hospital, a cultura psíquica da época, as relações políticas que fomentavam esse afunilamento social marginalizado, como também, investigar as mais evidentes identidades presentes

eram corriqueiros no Hospital Colônia de Barbacena. O pensamento eugenista, difundido pela Liga Brasileira de Higiene Mental nos anos de 1920, ao adotar a ideia de prevenção eugênica, considerava todos aqueles portadores de transtornos psíquicos como degenerados COSTA (2007),

que foram diluídas naquele cenário obscuro, de “loucura” e que jamais fora relevado, pesquisado ou que tivesse um interesse de análise crítica sobre o todo deste recorte que abordou somente a cruel aniquilação dos corpos.

Assim como os sinos da Igreja anunciavam a hora da missa, o apito do trem reverberava na cidade de Barbacena, que alguma parte do Brasil estava mais limpa, assim, o trem de doido⁶, como era chamado este meio e transporte, trazia em seus vagões um abarrotamento de carga humana, bem como os Judeus eram levados para os campos de concentração em Auschwitz, durante a Segunda Guerra Mundial. ARBEX (2013).

Tal carga humana despejada no hospital Colônia, acentua as relações de poder que regia a sociedade, sendo a sociedade em sua branquitude, também conivente na construção histórica deste holocausto, pois, 70% destes Seres Humanos, não sofriam de qualquer distúrbio mental, mas afinal, não era um hospital psiquiátrico? Sim, era! Então, quem eram os produtos insanos desta cultura? ARBEX(2013) assinala:

... [c]erca de 70% não tinham diagnóstico de doença mental. Eram epiléticos, alcoolistas, homossexuais, prostitutas, gente que se rebelava, gente que se tornara incômoda para alguém com mais poder. Eram meninas grávidas, violentadas por seus patrões, eram esposas confinadas para que o marido pudesse morar com a amante, eram filhas de fazendeiros as quais perderam a virgindade antes do casamento. Eram homens e mulheres que haviam extraviado seus documentos. Alguns eram apenas tímidos. Pelo menos trinta e três eram crianças... o Colônia tornou-se destino de desafetos, homossexuais, militantes políticos, mães solteiras, alcoolistas, mendigos, negros, pobres, pessoas sem documentos e todos os tipos de indesejados, inclusive os chamados insanos. ARBEX (2013, p. 23).

Esses eram os (as) indesejados(as) que podiam sujar a cara de uma sociedade hipócrita, bem como perturbar a ordem, a moral e os bons costumes dos que

⁶ Trem de doido: expressão criada pelo escritor Guimarães Rosa, ela foi incorporada ao vocabulário dos mineiros para definir algo positivo, mas, à época, marcava o início de uma viagem sem volta ao inferno. ARBEX (2013, p.28).

chamamos hoje de, “cidadãos de bem”.

E assim, nos deparamos como um novo significado de loucura, o que levou a cidade de Barbacena a ser taxada como Cidade dos loucos. Portanto, PROVIDELLO (2013), enceta reflexões sobre loucura nos preceitos de Michel Foucault, onde ele diz que, não há denominação conceitual de loucura, bem como relacioná-la a qualquer patologia,mas sim, o que se entende por louco. “A loucura só existe em uma sociedade, ela não existe fora das normas da sensibilidade que a isolam e das formas de repulsa que a excluem ou capturam.” FOUCAULT (2006, p.163).

Logo, podemos dizer que esta pesquisa além de investigativa, usará os antagonistas sociais e seu contexto para elucidar reflexões e questionamentos do ensino de História em instituições públicas, como, também, repensar este ensino tradicional, obsoleto e acrítico. Cultura e identidade no contexto do Holocausto do Hospital Colônia, será o cerne da pesquisa para que possamos dialogar, questionar, debater e criar novas perspectivas metodológicas e interativas, levando aos discentes uma compreensão dos fatos como um todo e não apenas utilizar recortes da história como fonte de ensino sem despertar o olhar crítico para a compressão historiográfica, “procurando superar, ao menos no ideário acadêmico, o ensino memorístico e livresco vigente nos estudos históricos.” CAIMI (2005). Como diria NADAI (2011):

Nossos adolescentes também detestam a História. Votam-lhe ódio e dela se vingam sempre que podem, ou decorando o mínimo de conhecimentos que o “ponto” exige ou se valendo levemente da “cola” para passar nos exames. Demos ampla absolvição à juventude. A História como lhes é ensinada é, realmente odiosa.

Trata-se de uma pesquisa quanti-qualitativa, e a primeira etapa deste estudo, será por meio de análise de conteúdo, onde buscaremos os registros do Hospital Colônia, disponibilizados na biblioteca do próprio hospital, objetivando utilizar ferramentas de análise de conteúdo BARDIN (2011) para embasar e explorar as hipóteses citadas acima. Ao que se refere no campo teórico, adotaremos autores no campo historiográfico bem como no campo pedagógico, tais como: Daniela Arbex (O Holocausto Brasileiro, 2013), Lilia Scwarcz (O Espetáculo das Raças, 1993, Brasil: Uma Biografia, 2009) bem como artigos publicados que se relaciona com o tema), Michel Foucault (História da Loucura, 1973), João Baptista Magro Filho (A Tradição

da Loucura: Minas Gerais, 1870/1964, 2019), Paulo Freire (Todo seu conjunto de obras pedagógicas), Humberto Eco, (Apocalípticos e integrados, 2006), BNCC, 2008 PCN'S, 1997 (Temas Transversais).

4. RELEVÂNCIA PEDAGÓGICA- TRABALHO DE CAMPO

Tendo o corpo executivo do projeto sedimentado, partiremos para a construção do nosso projeto: “Abrindo Os Porões Da Loucura –Perspectivas Dialógicas Para O EnsinoDa História – Identidade E Cultura.” A fundamentação desta etapa, terá como alicerce principal os Círculos de Cultura Freireano, que na visão de PADILHA⁷ (2003), é um fomento a encontros de pessoas e/ou grupo, objetivando dialogar sobre o trabalho didático e pedagógico, visando um processo de ensino e aprendizagem, a partir de vivências culturais e educacionais. Corroborando assim com a visão dialética de FREIRE (1985):

Em lugar de Escola, que nos parece um conceito, entre nós, demasiado carregado de passividade, em face de nossa própria formação (mesmo quando se lhe dá o atributo de ativa,), contradizendo a dinâmica fase de transição, lançamos os Círculos de Cultura. Em lugar do professor, com tradições fortemente doadoras, o Coordenador de Debates. Em lugar de aulas discursivas, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante de grupos. Em lugar dos pontos, e de programas alienados, programação compacta, reduzida e codificada em unidades de aprendizado. FREIRE (1985, p. 103)

Assim, podemos elucidar uma linha cronológica do projeto: círculos de cultura subsidiando a investigação dos referenciais expostos, bem como a criação de metodologias dialógicas no ensino de História. A seguir, será proposta mostra deste conteúdo para toda a Escola, deixando a critérios dos (as) discentes (as), de que forma eles querem apresentar: seja através de mídias interativas: perfil questionador sobre o tema em redes sociais, Podcast, música, teatro, dança, poesia, dentre outras

⁷ Paulo Roberto Padilha: Doutorado em Educação 1999 - 2003 Universidade de São Paulo Título: Pedagogia do Encontro: o currículo como relação inter-transcultural Moacir Gadotti. Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.

formas pertinentes que eles julgarem à vontade. Em síntese, aqui, espera-se obter dois produtos: a metodologia de ensino teórica na perspectiva dialógica dos (as) discentes, com também as propostas de apresentação.

5. CAMPO TEÓRICO

Posto isto, evidenciamos a habilidade em História - BNCC (EF09HI13) Descrever e contextualizar os processos da emergência do fascismo e do nazismo, a consolidação dos estados totalitários e as práticas de extermínio (como o holocausto). (BRASIL, 2018). Partindo disto, vislumbram-se os Temas Transversais como sementes germinativas que muito elucidarão os possíveis caminhos para a construção de uma proposta metodológica que possa justificar a relevância deste estudo.

As hipóteses emergidas dentro da pesquisa se relacionam diretamente com os Temas Transversais da educação. O conjunto de temas aqui proposto — Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo — recebeu o título geral de Temas Transversais, indicando a metodologia proposta para sua inclusão no currículo e seu tratamento didático. BRASIL (1997).

Se faz pertinente adequar o ensino de hoje, sendo ele atrelado às inúmeras tecnologias existentes, logo, evidenciamos que o fruto desse trabalho será ancorado à mídia e educação. Nos tempos atuais, destaca-se a emergência de promover a discussão e a criticidade sobre os conteúdos escolares, assegurando, nesse caso, a problematização sobre os impactos das mídias na vida social e sua inserção como fator contribuinte em um ensino dialógico. E diante disso, assinala ECO (2006), A aquisição de conteúdos midiáticos “pode dar-se numa perspectiva inocente e alienante, caracterizando o pessimismo da corrente de pensamento apocalíptica, na qual o aluno é apenas receptor passivo das “verdades” difundidas na mídia”.

6. METODOLOGIA AÇÃO

Diante dos referenciais bibliográficos e teóricos expostos acima, bem como a análise de conteúdo, na segunda etapa da pesquisa, partiremos para uma ação dialógica na

compreensão dos materiais levantados, objetivando a criação das propostas pedagógicas no ensino de história, que, segundo TRIPP (2005. P.3): “A pesquisa educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos”.

Sendo assim, partiremos para a seleção da Escola, equipe de estudos, ressalta-se a importância de enfatizar a possibilidade desta pesquisa para a criação de metodologias de ensino de História, (sendo todo o contexto do Holocausto do Hospital Colônia) ter caráter interdisciplinar, o que facilita o envolvimento de todo o corpo docente da escola selecionada, bem como, salientar várias perspectivas de se abordar o assunto.

6.1A ESCOLA TRADICIONAL – O CONTEXTO DO PROBLEMA.

É preciso desconstruir a ideia da escola eurocentrada que nos foi imposta e enraizou paradigmas em nosso olhar. A escola exerce um papel fundamental na formação de seus (suas) discentes, e ela não se restringe apenas em disseminar os conteúdos impostos nos parâmetros curriculares, ela necessita ir além, precisa garantir uma formação inclusiva que preconiza possibilidades de aprendizagens a todos os seus sujeitos, que contemple a construção de um ser político e crítico e que este possa usufruir de uma existência autônoma e participativa na sociedade, e isso não torna irrelevante o eixo pedagógico dos conteúdos escolares específicos, pelo contrário, se ela objetiva devolver um ser ativo e crítico a sociedade, valorizando suas especificidades e encorajando sua cultura, este cidadão precisa estar ciente da importância de ter assimilado os conteúdos pertencentes às variadas ciências do currículo escolar, uma base sólida que o fará apto a construir suas relações em uma sociedade altamente tecnológica, concorrida e normativamente exigente.

“A transformação radical do sistema educacional herdado do colonizador exige um esforço inter-estrutural, quer dizer, um trabalho de transformação a nível da infraestrutura e uma ação simultânea a nível de ideologia. A reorganização do modo de produção e o envolvimento crítico dos trabalhadores numa forma distinta de educação, em que mais que adestrados para produzir, sejam chamados a entender

o próprio processo de trabalho” FREIRE (1979a, p.21).

Corroborando com o patrono da Educação, erradicar o ensino colonizador requer mudanças diárias para que o mesmo possa contribuir na construção dialógica do ensino educacional.

6.2.A CONSEQUÊNCIA DO PROBLEMA – O ENSINO ACRÍTICO DA HISTÓRIA

O ensino de História muitas das vezes soou um espaço informativo, o que muito se justifica a evasão no que tange aos interesses dxs alunxs, Ela é desposta de maneira preconceituosa e ainda muito engessada em livros didáticos, onde a tendência segue um apelo informativo, bem semelhante à uma revista de fofocas, onde, dissemina informações sem um propósito reflexivo e crítico em sua compreensão, o que leva a questionar essas lembranças artificiais desprezando o valor do conhecimento, sem fixação, desprezando assim, a finalidade social da história em emancipar seus sujeitos, bem como compreendê-la. Assim:

A História que fundamenta o ensino de história é produto da ação do historiador. Sendo assim, é um recorte da totalidade que se apresenta de forma científica. Quando é transposta para a sala de aula causa uma estranheza ao aluno. O acontecimento em uma perspectiva historiográfica não tem a mesma dinâmica das lembranças cotidianas ou da literatura. Uma História em geral desencarnada, sem o ritmo do cotidiano, que foge ao que nos é comum, está contada e apresentada de uma forma diferente do mundo da vida. Como se não fosse um olhar para tal mundo, como se fosse um olhar para uma outra materialidade, distante do mundo que nos cerca e forma. O enquadramento da memória, seguindo uma estrutura historiográfica, em geral, salienta uma face em detrimento de outra, negando a participação de certos atores históricos e lançando holofotes em outros. Prioriza uma História, negando a existência de outras histórias. Mesmo a História que tenha como premissa destacar os aliados da grande história oficial é um recorte e um olhar que usa a lente de uma teoria e de um foco. AZEVEDO (2003. p. 14).

O ensino de História nas escolas, conota uma visão quantitativa dos fatos ocorridos, se faz necessário contar realmente a história envolvendo seu contexto, causando reflexão nos aprendizes a atender o passado juntamente com o presente,

interligando pontos de conexão com a realidade que os cercam, fazendo este ensino muito mais qualitativo e crítico. Segundo AZEVEDO (2003), As diretrizes metodológicas que preconizam transportar para a sala de aula de história o fazer-se protagonista da história e, não, aprendiz do passado, “repetindo o posto pela historiografia e ignorando como essa argumentação foi conduzida e transformada em História, descortina-se como uma nova trajetória e possível caminhada.” AZEVEDO (2003. p.17).

Ao falarmos de uma possível trajetória dialógica no ensino de história, não podemos deixar de citar o contexto escolar, seus sujeitos como mediadores de conhecimento, como também suas diretrizes pedagógicas. Logo, o Projeto Político Pedagógico, é um documento que descreve os objetivos da escola e é uma diretriz

essencial para a formação dos (as) alunos(as), visando interferir na não democracia inserida na escola, possibilitando assim, a participação do coletivo (escola + comunidade) fomentando ações futuras para transformação da realidade no âmbito escolar. Um processo que envolve discussão, questionamentos e reflexão, que vise mudanças e perspectivas coletivas em todo os espaços pedagógicos, e que este dialogue coerentemente no contexto escolar.

A prática deste documento e viabiliza o verdadeiro sentido do papel escolar, dando espaço a pedagogos e docentes a exercerem seus propósitos em ofertar múltiplas possibilidades de aprendizagens, e que estas perpassem não só o conteúdo imposto, como também, fomenta a construção de um sujeito crítico e autônomo, capaz de tomar decisões e ser contribuinte ativo em seu contexto social.

E atentando a essa formação que é o grande desígnio da escola e de todo o seu corpo pertencente, é preciso fomentar cada vez mais que este espaço transformador e disseminador de conhecimentos perpetue em sua essência o seu eixo democrático pedagógico, possibilitando claramente o acesso do educando a compreensão histórica e principalmente, da realidade que o cerca. “Quanto mais refletir sobre a realidade, sobre sua situação concreta, mais emerge, plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para mudá-la” FREIRE (1979b, p.19).“ E para que todo este conteúdo esboçado do PPP, entrelaçado à realidade escolar se concretize com êxito, necessitamos abordar o trajeto que ele percorre nos meios em

que ele se justifica, ou seja, seu produto final é devolver a sociedade um cidadão consciente e transformador, crítico e capaz de socializar experiências, de construir e repassar cultura. GADOTTI (1999).

Partindo do princípio da individualidade humana, e uma postura crítica da/do docente no entendimento disto, podemos agregar um sentido perspicaz à avaliação escolar, onde o docente atuará em estimular as múltiplas inteligências de seus educandos, tornando-os competentes na prática de suas habilidades. Segundo ANTUNES (1998), capacidade conota pluralidade e no contexto escolar podemos mencionar três delas que são valiosas no processo de aprendizagem: motora, emocional e cognitiva, uma tríade primordial e particular que sustenta cada indivíduo em seu papel de aprendiz.

O/A aprendiz por sua vez, dentro de suas especificidades, carrega consigo múltiplas inteligências, ANTUNES (1998), e essas são como sementes, que precisam ser regadas diariamente para que possam florescer e agregar no desenvolvimento ininterrupto de suas competências, promovendo assim, a transformação e a construção do ser humano através dos caminhos do conhecimento. Contudo, falar de avaliação embasada nesses preceitos, devemos nos ater em combater essa adesão homogênea e excludente, para que possamos nos pautar na avaliação como um processo de reflexão dos conteúdos repassados, vislumbrando a capacidade de identificar no “erro” um estímulo reflexivo e crítico, sem menosprezar os objetivos dos conteúdos escolares.

É evidente que a inteligência não constitui apenas um elemento neurológico isolado, independente do ambiente. LÉVY (1993) desenvolveu lucidamente a noção de *ecologia cognitiva*, na qual avança para ultrapassar a visão isolada do conceito, mostrando que fora da coletividade, desprovido do ambiente, o indivíduo não pensaria.

Todas as nossas inteligências nada mais são do que segmentos componentes de uma ecologia cognitiva que nos engloba. O indivíduo, portanto, não seria inteligente sem sua língua, sua herança cultural, sua ideologia, sua crença, sua escrita, seus métodos intelectuais e outros meios do ambiente. Associando-se, pois, a identificação das habilidades que compõem a inteligência a esse contexto ambiental cognitivo

percebe-se que a inteligência está muito associada a ideia de felicidade. (ANTUNES (2008, P. 12).

Essas esferas precisam comungar comumente favorecendo o ambiente de ensino a exercer sua competência integralmente: docentes utilizando conteúdos para o desenvolvimento das múltiplas inteligências e habilidades, consciência de transformar práticas avaliativas em possibilidades de aprendizagem e principalmente estimular o senso crítico dos alunos, para que estes tenham consciência e sensibilidade para questionar a realidade que os cercam, distinguir a linha tênue que separa o ver do olhar, torna-lo um captador de detalhes. Professor(a) é um permanente aprendiz, ele é a ponte da assunção do conhecimento. Assim disse ANTUNES (1998): “O professor é um fazedor de amanhã”.

É importante salientar que as esferas do ensino precisam estar conectadas e muito bem descritas para que possam surtir esse efeito emancipatório e cívico dos alunos, assim, não podemos descartar a importância de falar em avaliação escolar, pois se a proposta de investigação tem como finalidade debruçar-se em processo pedagógico de ensino, ressalta-se o uso de avaliação formativa LUCKESI (2002) como contribuinte necessário no processo de ensino e aprendizagem, como também um norteado para a validação do percurso ao longo do processo. Contudo, ao falar de avaliação embasada nesses preceitos, se estabelece a necessidade de um processo de reflexão dos conteúdos repassados, vislumbrando a capacidade de identificar no “erro”, um estímulo reflexivo e crítico, sem menosprezar os objetivos dos conteúdos escolares. Posto isso, acrescenta-se a visão de SANTIAGO et al. (2017):

A avaliação permeia (ou deveria permear) todo o processo de ensino aprendizagem. Em termos didáticos, ao elaborar o plano de aula ou o planejamento de curso, é preciso considerar os nossos objetivos (culturas), nossa intenção (políticas) com o grupo, o contexto do grupo (dialecicidade e complexidade) com o qual iremos trabalhar (práticas). No momento em que estabelecemos objetivos, esses objetivos serão avaliados ao longo do processo. A avaliação (especialmente se feita em uma perspectiva omnilética, ou, pelo menos, mais ampla e politizada) se trata de um instrumento para identificar se estamos no caminho certo, ou seja, o processo

avaliativo não se restringe apenas a identificar o aprendizado do aluno, mas nos serve de parâmetro para identificar se nossa proposta pedagógica está possibilitando condições de aprendizagem e participação de todos no processo de ensino aprendizagem. SANTIAGO (2017, p.646).

Posto isto, vislumbramos nessa discussão teórica, sobre toda a complexidade e estrutura coesa no ensino de história no Brasil, há muito que lutar e resistir no cenário vigente polarizado. Assim, entendemos que um (a) docente jamais deva ser passivo e/ou só ativo em seu ofício, ele precisa assumir sua mediação provocativa, questionadora para fomentar a criticidade dos alunos. Assim, assinala SOARES (2008):

“Para ensinar, são necessárias determinadas habilidades, métodos, procedimentos de trabalho que possibilitem ao professor uma docência que possibilitem ao professor uma docência que resulte na compreensão e incorporação do aprendizado da História pelos seus alunos. SOARES (2008, p.11).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, elucidamos o quanto o/a docente aprende ao ensinar, o quanto ele aprende história ao contá-la, como assinala SCHMIDT (2009, p.37) “... significa contar a História, isto é, significa narrar o passado a partir da vida no presente”. A significação do conhecimento histórico é o fator imprescindível para que se faça a compreensão do presente e da própria identidade. A partir dessa lógica, o docente de história seria capaz de se orientar no tempo e tornar acessível o ensino. MATOS (2017).

Ensinar, é para a vida, assim, quando compreendemos a cultura de uma sociedade, suas estruturas de poder, seus personagens e suas regras, nos libertamos da omissão e nos integramos como seres ativos dentro dela, e podemos participar avidamente de sua construção histórica diária, nossa cultura e nossa identidade estará lá, marcada por uma resistência sem medo da opressão.

Espera-se que este trabalho possa se fazer um círculo continuo no ensino, bem como, emancipando o/as discentes e fomentando entre os/as docentes, a continuação do mesmo, desencadeando assim, uma corrente colaborativa, ampliando perspectivas e novas metodologias de ensino e aprendizagem, ancoradas

pelos círculos de cultura Freireano.

REFERENCIAS

ANTUNES, Celso. **As inteligências múltiplas e seus estímulos**. 11ª ed. Capinas, Sp, Papyrus, 1998.

ANTUNES, Celso. **Inclusão: o nascer de uma nova pedagogia**. Sp. Ciranda cultural, 2008.

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. 1ª ed. São Paulo: Geração Editorial, 2013, 255p. ISBN 978-85-8130-157-0.

AZEVEDO, Patrícia Bastos de. **Ensino de história e memória social: A construção da história-ensinada em uma sala de aula dialógica**. (Dissertação apresentada ao Programa de Pós graduação em Educação). Faculdade de Educação Universidade Federal Fluminense, Niterói, p. 150. 2003.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília, 1997.

BUARQUE, Chico. CALE-SE [compositor e intérprete]: São Paulo. **Polygram/Philips**. 1978

CAIMI, Flávia Eloisa. **Escola Nova e Ensino de História no Brasil**. Anpuh – XXIII simpósio nacional de história – londrina, 2005.

COSTA, J. F. **História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico**. Rio de Janeiro: Xenon. 1989.

COSTA, Jurandir Freire: **História da Psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

CRUZ, E. A. S. Currículo Mínimo De História Da Rede Estadual De Ensino Do Rio De Janeiro: **Quais São Os Espaços Da História Da África E Do Negro?** (Lei Nº 10.639/03). Dissertação (mestrado). Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, Rio de Janeiro, p.117. 2014

ECO, Humberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
FOUCAULT, Michel. **Loucura, literatura, sociedade**. In: Motta, Manoel Barbosa (Org.). *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. p.232-258. 2006.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979a.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 25ª ed. (1ª edición: 1970). Rio de Janeiro: Paze Terra.

FREIRE, P. **Educação com prática da liberdade**, 16a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 103).

GADOTTI, Moacir. Avaliação Educacional e Projeto Político-Pedagógico. I seminário internacional itinerante de educadores 2ª jornada pedagógica da escola cidadã. **Grupo de estudos e organização de eventos político-pedagógicos** 10ª de – ceppers sindicato - alegrete e uruguaiana, maio de 1999.

GALTON, F. Restriction in marriage. **Sociological Papers**, 2, p. 3-17, 49-51, 1906.

LÉVY, P. **As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Sp. Editora 34. (1993)

LUCKESI, Cipriano, Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. 12 ed. (2002).

MATOS, Júlia Silveira. Ensino de História e aprendizagem histórica: diálogos com Paulo Freire. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** E-ISSN 1517-1256, Edição especial XIX Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, p. 212-224, junho, 2017.

NADAI, Elza & BITTENCOURT, Circe. **Repensando a noção de tempo histórico no ensino**. In: PINSKY, Jaime. O ensino de história e a criação do fato. 14.ed. São Paulo: Contexto, 2011, pp. 93-120.

O HOLOCAUSTO BRASILEIRO. Direção Daniela Arbex, Armando Mendz. Produtores: Roberto Rios, Maria Ângela de Jesus, Paula Belchior, Patrícia Carvalho, Alessandro Arbex e Daniela Arbex. SP. HBO. Novembro 2016.

PADILHA, P, R. Os **Círculos de Cultura na perspectiva da intrasculturalidade**.: por uma escola curiosa, prazerosa e aprendente. 2003. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo

PROVIDELLO, Guilherme Gonzaga Duarte; YASUI, Silvio. **A loucura em Foucault: arte e loucura, loucura e desrazão**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.20, n.4,out.-dez. 2013, p.1515-1529.

SANTIAGO, M. C. et al. **Inclusão em educação: processos de avaliação em questão. Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação**, v. 25, n. 96, p. 632-651. set./2017.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar história**. 2 ed. São Paulo: Scipione, 2009.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **A formação do professor de História e o cotidiano dasala de aula**. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. O saber histórico na sala de aula.11.ed. São Paulo: Contexto, 2010, pp. 54-66.

SERAPIONI, Mauro. Franco Basaglia: **biografia de um revolucionário**. Análise - Hist. cienc. saude-Manguinhos 26 (4) • Oct-Dec 2019

<https://doi.org/10.1590/S0104-59702019000400008>

SEVERINO, Antônio Joaquim. **A filosofia contemporânea no Brasil: conhecimento, política e educação**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1997.

SILVA, F. C. T. da, & Schurster, K. (2016). **A historiografia dos traumas coletivos e o Holocausto**: desafios para o ensino da história do tempo presente. Estudos Ibero- Americanos, 42(2), 744-772. <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2016.2.23192> SOARES, Olavo Pereira. **A atividade de ensino de história: processo de formação de professores e alunos**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin editores, 2008.

TIBURI, Marcia. **Como conversar com um fascista**. Reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro. Rio de Janeiro: Record, 2015.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação**: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira.

VAINFAS, Ronaldo. Colonização, miscigenação e questão racial: nota sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira, **In Tempo no 08** – Dezembro de 1999. Niterói, SetteLetras, 1999.